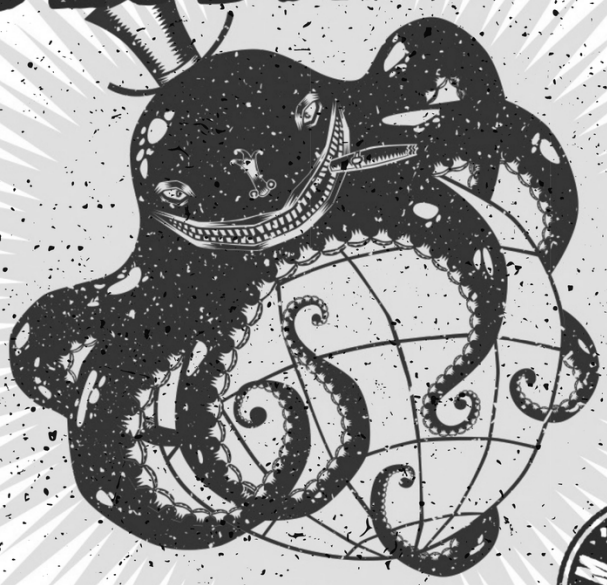
O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO

ALEXANDRE COSTA

O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO



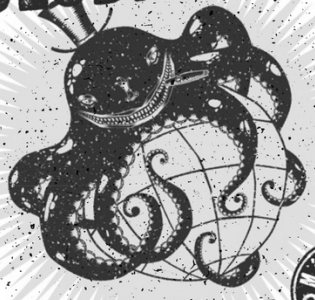
ALEXANDRE COSTA

NIMO SOBRE GLOBALISMO.indd 1 07/02/2023 12:17:4

O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO

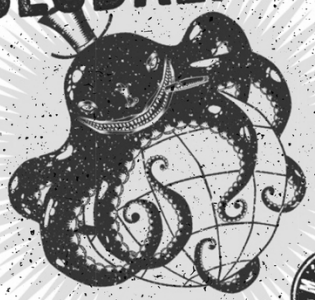
ALEXANDRE COSTA

O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO



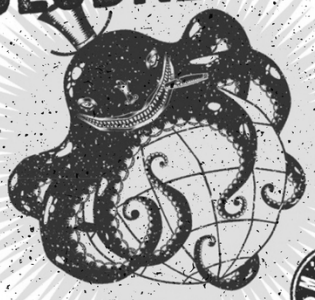
ALEXANDRE COSTA

O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO



ALEXANDRE COSTA

O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO



ALEXANDRE COSTA

O MÍNIMO SOBRE GLOBALISMO
Alexandre Costa
1ª edição — março de 2023 — CEDET
Copyrigh © Alexandre Costa

Sob responsabilidade
do editor, não foi adotado o
Novo Acordo Ortográfi co de 1990

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDE — Centro de Desenvolvimento
Profi ssional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630
Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin
Campinas-SP
Telefones: (19) 3249–0580 / 3327–2257
E-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

Editor:
Thomaz Perroni

Revisão:
Horácio Etoperácio

Capa:
Guilherme Conejo

Diagramação:
Virgínia Morais

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d’Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA
Costa, Alexandre.
O mínimo sobre gobalismo / Alexandre Costa
Campinas, SP: O Mínimo, 2023.
ISBN 978-65-85033-08-4
1. Ciência política.
I. Autor II. Título

CDD 320

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Ciência política — 320

---

www.ominimoeditora.com.br
Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Sumário

A importância do tema

Globalismo , globalização, Nova Ordem Mundial

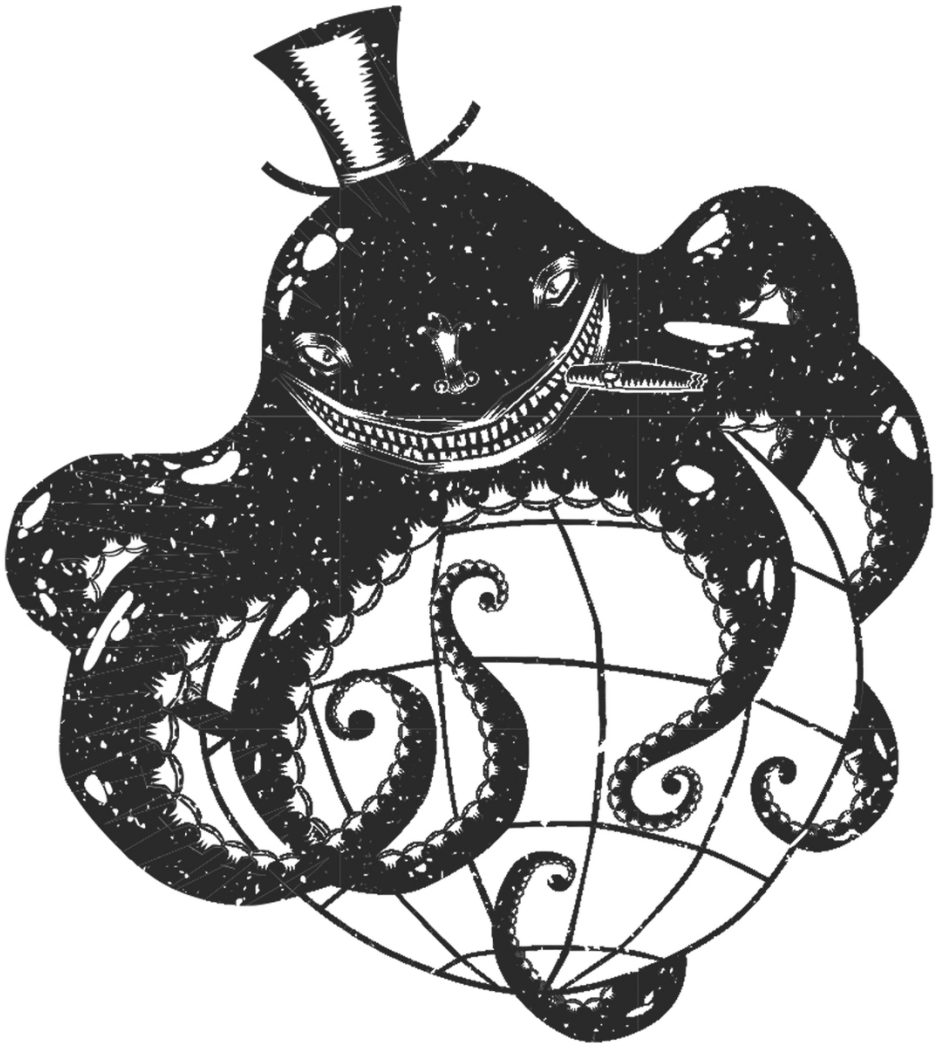
História do globalismo

Tecnocracia feudal

Novo normal e novo homem

Saiba Mais

Notas de Rodapé



APRESENTAÇÃO

NIMO SOBRE CONSERVADORISMO.indd 7 20/06/2023 10:59:0

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

Embora o globalismo já seja tema de centenas, talvez milhares de livros, boa parte da chamada “classe pensante” brasileira ainda ignora ou subestima o alcance e a influência desse fenômeno que está transformando o mundo em que vivemos.

Mesmo sob outros termos e classificações, ninguém pode negar o acelerado processo de centralização do poder, tanto pelo Estado quanto pelos cartéis e monopólios privados.

No caso estatal basta listar as leis, decretos, regulações, normas e medidas provisórias (que terminam permanentes) para comprovar o avanço sobre os direitos naturais dos indivíduos, a relativização da propriedade, a assimetria nas relações de trabalho e a subjetividade jurídica. Todos estes fatores colaboram com o ambiente de impotência, medo e insegurança, e junto com a instabilidade financeira, submetem o cidadão a uma dependência progressiva do Estado.

Iniciativas globalistas também favorecem o derretimento das soberanias nacionais, enfraquecendo a autonomia dos países e entregando decisões nacionais a agentes internacionais.

Surge desse entrechoque um aparente paradoxo: o globalismo, como tem se desenvolvido, promove um Estado forte e onipresente para controlar seus cidadãos, com capacidade de limitar e condicionar as liberdades e atropelar os direitos naturais dos indivíduos e, ao mesmo tempo, fraco o suficiente para se submeter e, no limite, anular suas prerrogativas essenciais.

No entanto, essa aparência paradoxal se desmancha no ar quando percebemos que o desejo globalista é exatamente conciliar essas duas pressões sobre as nações:

o que o globalismo busca é tornar os governos nacionais nada além de instâncias de uma gigantesca estrutura internacional.

Ou seja, departamentos locais aptos a cumprir as ordens da elite global.

Na área privada esse mesmo excesso de regulamentações e exigências cria barreiras impossíveis a pequenos e médios empreendimentos, e torna o mercado hostil a novos empreendedores. Não é por outra razão que todas as grandes corporações multinacionais têm em sua agenda um amplo leque de financiamentos a iniciativas que criem obstáculos ambientais, culturais, trabalhistas e fiscais: sua estrutura suporta a complexidade burocrática, e seu volume de negócios dilui com mais facilidade um eventual aumento de custos. Além disso, seu patrimônio, a alta capacidade de endividamento e a proximidade com o poder costumam favorecer os grandes grupos multinacionais.

Apesar de todas as evidências indicarem uma profunda transformação em curso, com acelerada e inédita concentração de poder — que pode ser verificada em praticamente todas as áreas e instâncias da sociedade e da vida cotidiana —, o fenômeno do globalismo permanece na sombra para a maioria das pessoas.

O apagão de informações a esse respeito, que conta com a ajuda da deturpação proposital de agentes inseridos estrategicamente na academia, na mídia, nas grandes empresas e nos inúmeros tentáculos do poder, também está relacionado com a ignorância da maioria da classe intelectual. Ou seja: além dos agentes dissimulados, que formam uma minoria influente e poderosa, de onde saem as diretrizes e o discurso, uma maioria de ignorantes repercute as mesmas falácias sem se atentar às evidências que a cada dia ficam mais ululantes.

O estabelecimento desta mentalidade que ignora a construção de um ambiente de governança global tem pelo menos duas razões. A primeira, de ordem semântica, e a segunda, psicológica.

Devido a uma confusão entre conceitos, grande parte dos ignorantes mistura os significados de globalização e globalismo. E para alimentar essa incapacidade interpretativa, a repetição sistemática do mesmo discurso cria a falsa aparência de consenso por meio de pelo menos dois elementos bem explicados pela psicologia: o *efeito de ancoragem* e o *viés de confirmação*.

Por essas e outras questões menos relevantes agora,

a população permanece no escuro a respeito de um processo de mudança civilizacional que vai afetar todas ou quase todas as esferas da vida em sociedade.

O objetivo desse livro é tentar jogar luz sobre um assunto sério — seríssimo —, mas que não tem recebido a devida atenção. Como o espaço é infinitamente menor do que o necessário para abordar a imensa complexidade do tema, o conteúdo das próximas páginas procura simplificar a linguagem sem menosprezar o tamanho do problema.

Tendo isso em vista, *O mínimo sobre globalismo* condensa e atualiza o que escrevi e falei de essencial para introduzir o assunto e ajudar as pessoas a tomarem decisões mais acertadas em sua vida.

Boa leitura!

CAPÍTULO

GLOBALISMO , GLOBALIZAÇÃO, NOVA ORDEM MUNDIAL

GLOBALIZAÇÃO X GLOBALISMO

oa parte dessa incompreensão tem origem em uma pequena confusão entre os termos globalização e globalismo.

Globalização é um fenômeno econômico, que existe desde as primeiras sociedades, variando conforme o contexto histórico e o nível de mercantilismo dos povos. Qualquer tribo, aldeia ou cidade-estado da Antigüidade comercializava as suas mercadorias com povos vizinhos, vendendo seus excedentes e comprando o que lhe era escasso. Vista sem as lentes da propaganda e da política, e de acordo com os conhecimentos e práticas mercadológicas de cada época, a globalização é apenas a manifestação de um traço social da essência humana.

Globalismo é um processo eminentemente político, que embora pareça disperso, pontual e irregular ao longo da história, tem origem determinada no tempo — pelo menos a sua versão moderna tem — e obedece a um imperativo: o desejo de construir um ambiente de governança global, de forma a permitir, em um futuro incerto, mas próximo, o surgimento de uma autoridade mundial de fato.

A diferença entre os dois conceitos está na essência dos fenômenos — um é de ordem econômica e o outro tem caráter político

—, e também no aspecto prático, ou seja, na “forma” da sua aparição no curso da história: um acontece de forma natural e espontânea, e o outro requer toda uma estrutura organizacional com alcance e influência sobre instituições políticas, o que por sua vez exige conexões poderosas o suficiente para suplantar soberanias e direitos naturais. Enquanto a globalização pode existir sem que uma força política a conduza, o globalismo precisa de uma motivação (motivo + ação) centralizadora.

Devido a esta artificialidade, a esta ausência de espontaneidade, o globalismo construiu os mais variados tipos de organismos e instituições, instrumentos que funcionam tanto como rede de sustentação quanto arma de progressão.

Do ponto de vista ideológico,

---

o globalismo é uma espécie de “metaideologia”,

---

uma ideologia que se coloca “além” das demais porque julga ter assimilado o essencial de todas as outras. Exatamente por essa característica assimiladora, torna-se quase uma cosmovisão, que cria raízes na cultura e nas estruturas sociais de forma a moldar pensamentos e definir atitudes em todas as áreas da sociedade. Das mais altas deliberações governamentais às mais simples decisões cotidianas.

Quando notamos que o imaginário da sociedade e das pessoas está repleto de valorizações de tudo que é global, mundial, internacional ou cosmopolita, percebemos que mesmo sutilmente existe uma clara intenção de colocar no pedestal toda a mentalidade globalista. Desde a linguagem podemos ver o alcance, a profundidade e a influência dessa tentativa forçada de cosmovisão, mas também existem pistas tão ou mais evidentes.

Uma forma eficiente de identificar uma iniciativa globalista é observar três pontos muito importantes: Aumento do poder interno do Estado, e enfraquecimento dos direitos naturais dos indivíduos; Diluição das soberanias nacionais e fortalecimento dos organismos internacionais; Concentração dos mercados mais rentáveis nas mãos das grandes corporações multinacionais.

O fortalecimento cada vez maior do Estado é algo que vem ocorrendo, sem muitas oscilações, pelo menos desde a Revolução Francesa. E os organismos multilaterais seguem a mesma curva ascendente desde o início do século XX, como veremos adiante.

A concentração dos mercados pode ser vista sem muita dificuldade quando entendemos a nova forma de cartelização que está em marcha. Por meio de fundos de investimento como BlackRock, Vanguard, Fidelity, State Stree Corp, Carlyle e alguns outros (inclusive estatais da China e Noruega), as dinastias bilionárias atualmente controlam a quase totalidade das grandes corporações internacionais. Quando incluímos na equação bancos como J.P. Morgan Chase, Morgan Stanley, Goldman Sachs, Bank of America, suas *holdings, offshores*, e fundações “sem fins lucrativos”, tudo fica bem mais claro.

Sobre monopólios, cartéis e oligopólios, podemos incluir ainda os juros negativos, o controle sobre a emissão do dinheiro sem qualquer lastro — apenas com base em uma confissão de dívida —, a reserva fracionária e o *efeito Cantillon*. Entendendo esses conceitos fica fácil perceber o favorecimento dos gigantes do sistema financeiro internacional, assim como a opressão inescapável que sujeita todos os demais.

Vale lembrar que embora sejam fenômenos distintos por sua própria natureza,

---

a globalização tem funcionado como combustível para o globalismo.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os benefícios da livre circulação de mercadorias têm sido usados como moeda de troca para convencer, chantagear e impor as diretrizes definidas pelos ideais globalistas. Quando uma nação recusa algum destes direcionamentos políticos, sociais ou culturais, logo começa a sofrer retaliações no campo econômico.

Organismos como Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional normalmente usam seus recursos para seduzir ou ameaçar governos que não se curvem às exigências de outras instituições globalistas como ONU, UNICEF, UNESCO, OMS etc. E sabemos que estas são, por sua vez, caixas de ressonância de fundações e *think tanks* criados pelas dinastias bilionárias.

Um claro exemplo do uso do crédito como ferramenta de convencimento vem acontecendo com muita freqüência na área ambiental. Qualquer país que faça valer sua soberania nesse campo perde investimentos e vira alvo não apenas destes organismos, mas também dos bancos privados, das corporações, dos tribunais e da mídia. Políticos que não rezem conforme a cartilha ambientalista também são escanteados mundialmente e seus governos são inviabilizados por inúmeras dificuldades financeiras e burocráticas. Exatamente como acontece com a Amazônia.

O globalismo, também é importante ressaltar, não é uma diligência estatal. Embora usem as estruturas dos estados nacionais como ferramentas, o conjunto de iniciativas que pretende criar um ambiente de governança global deriva de um sonho — ou delírio — gestado e promovido por famílias dinásticas que já possuem dinheiro suficiente para sustentar a riqueza de dezenas de gerações e agora querem controlar o destino e a própria vida de toda a população mundial. Nas palavras de David Rockefeller, um dos personagens mais comprometidos com a idéia:

“A soberania supranacional de uma elite intelectual e de banqueiros mundiais é certamente preferível à autodeterminação nacional praticada nos séculos passados”.

NOVA ORDEM MUNDIAL

Com o objetivo de facilitar a compreensão desse conceito, recortei um resumo feito há alguns anos,[1] mas que continua válido.

O QUÊ

Entendo a “Nova Ordem Mundial” como um conjunto de iniciativas que visa a criação de uma nova sociedade, planejada para permitir e sustentar um governo mundial totalitário, com ramificações de maneira a controlar todos os aspectos relevantes do cotidiano.

Simplificando um pouco mais, podemos dizer que a NOM é um plano multifacetado que tem a intenção de criar uma nova civilização, com o poder centralizado nas mãos de poucos e acima das instituições e dos políticos tradicionais.

A Nova Ordem Mundial também pode ser entendida como uma evolução, um desdobramento, uma ampliação e um aperfeiçoamento de regimes ditatoriais que existiram ao longo da história. Com o estudo das tentativas totalitárias anteriores, todas elas promovidas ou patrocinadas pelas mesmas forças, ficou claro que para alcançar sua utopia megalomaníaca era preciso aperfeiçoar o método. O fracasso dos regimes coletivistas do século XX mostrou que uma mudança destas proporções não seria viável apenas com arranjos políticos e econômicos: para criar a nova civilização é preciso criar uma nova cultura e, conseqüentemente, um novo homem.

Partindo desta percepção, ampliaram e direcionaram a ofensiva para os aspectos culturais da sociedade, afinal, não é possível modificar um

ser humano sem mudar primeiro os seus valores. Esta transformação, perceberam também, não poderia ocorrer sem antes destruir a base de princípios sobre os quais a nossa civilização se apóia. Não é possível estabelecer novos parâmetros culturais e novos valores sem destruir os anteriores.

A civilização ocidental foi construída, ao longo dos milênios, por influências bastante perceptíveis: a filosofia grega, o direito romano e o cristianismo.

Dos gregos herdamos a lógica, a hierarquia dos princípios e o desejo de buscar o conhecimento iniciado no projeto socrático e registrado nos textos de Platão, Aristóteles e seus continuadores.

O direito romano, aperfeiçoado por influência do direito canônico católico, nos deu o edifício jurídico que possibilitou a estruturação de uma sociedade mais racional e, ao menos em teoria, tornou o convívio mais ordenado e a prática jurídica mais justa.

A influência do cristianismo no Ocidente foi, sem qualquer sombra de dúvidas, o principal alicerce que permitiu a existência e a cristalização daquilo que podemos chamar de civilização. Muito além da questão religiosa ou espiritual, a prática cristã estabeleceu limites, criou hábitos e costumes, e elevou a arte a um patamar quase sagrado, iluminando as mentes e alimentando o imaginário.

Tendo em vista estes principais pilares, basta imaginar quão vasto e profundo é o substrato onde o inimigo precisa agir. É deste ponto de vista que deve ser analisada a Nova Ordem Mundial. Sem esta visão de conjunto, creio que fica praticamente impossível entender a complexidade do momento que vivemos. Sem levar em conta as características que pretendem destruir para substituir, todo estudo isolado sobre o assunto parece mesmo um delírio, um exagero, uma “teoria da conspiração”.

O enfrentamento desse processo, por sua vez, exige plena consciência da sua complexidade e humildade para admitir que muitas

destas iniciativas são inicialmente invisíveis ou incompreensíveis. Vale ressaltar também que

muito além de estabelecer um poder centralizado, boa parte do plano consiste em minar as resistências, de preferência por antecipação.

Até agora os avanços conquistados pela NOM foram beneficiados pela ignorância, pela complexidade, pelas aparentes contradições e, principalmente no Brasil, devido ao nosso habitual desprezo pelo conhecimento, por subestimar a capacidade dessas pessoas e minimizar o alcance das suas idéias. Nunca podemos esquecer: os megalomaníacos que estão por trás desses projetos totalitários possuem todas as ferramentas, o dinheiro necessário e o apoio de algumas das mentes mais privilegiadas do nosso tempo.

Desde pelo menos o final de 2001 tenho tentado identificar, entender e acompanhar os fenômenos relacionados à NOM, mas o volume de informações, as contradições aparentes e o dinamismo do processo dificultam bastante a compreensão. É praticamente impossível listar todas as iniciativas que, ampliadas aos mais diferentes aspectos, de uma maneira ou de outra direcionam o mundo para um governo totalitário, mas acredito que seja possível elencar algumas delas, para servirem de exemplos. Acredito também que o desejo pelo conhecimento e a busca pela verdade, qualidades intrínsecas dos humanos, deve ajudar a ligar os pontos destas várias frentes de ataque.

Como

Para que um plano tão amplo e complexo funcione como uma engrenagem, são necessários alguns eixos principais e vários outros periféricos, que servem para apoio, rotação ou torque, e podem eventualmente funcionar em sentido contrário à peça que sustenta.

A implantação da Nova Ordem Mundial pode ser entendida como uma grande engrenagem formada por eixos principais e dezenas de peças periféricas. Da mesma forma que ocorre na analogia mecânica, a nova civilização avança empurrada por iniciativas conjuntas, paralelas ou contrárias.

Entre os eixos principais podemos incluir o aumento do poder do Estado, com a regulação de todas as condutas humanas, a criação de estruturas globais que diminuam a força das soberanias nacionais, e a concentração de mercado nas mãos das grandes corporações internacionais.

O aumento do poder do Estado e do lucro dos grandes bancos são as únicas constantes desde a Revolução Francesa. E esta simbiose tem explicação.

Quando um Estado assume muitas funções, como ocorre hoje em praticamente todos os lugares, duas soluções materiais tornam-se necessárias: aumento de impostos e endividamento. Como o empréstimo é a atividade mais rentável para os banqueiros, emprestar dinheiro para países é o melhor negócio do mundo, seja pelo alto valor das dívidas, seja pela segurança das garantias.

Outro eixo central na máquina globalista são as estruturas de poder que ao longo do tempo cresceram em tamanho e importância. Desde a criação da Liga das Nações, precursora da ONU, centenas de instituições globais passaram a interferir em decisões soberanas dos países e a influenciar a política internacional. E a cada dia estas estruturas estão mais poderosas e sua capilaridade alcança todas as áreas, não apenas políticas. Se antes elas “sugeriam”, hoje passaram a “cobrar” e “exigir”. Quando enfrentam resistência, ameaçam com retaliações políticas, econômicas e até militares, tornando os estados nacionais reféns destas entidades controladas por pessoas que não foram eleitas e que na maioria das vezes nem conhecemos.

A Carta das Nações Unidas foi assinada em São Francisco no dia 26 de junho de 1945, e entrou em vigor em 24 de outubro do mesmo ano. Uma rápida leitura neste documento, que pode ser encontrado facilmente na Internet, mostra como a entidade nasceu para

---

enfraquecer as soberanias nacionais

---

e para tanto dá aos seus membros e funcionários um poder muito maior do que as democracias transferem aos seus burocratas. E sem qualquer forma de controle externo.

Nesta carta é possível identificar muitas das questões que hoje ocupam o centro das discussões políticas internacionais. Já está lá até mesmo um esboço da linguagem usada atualmente pela imprensa, pelos partidos políticos e pelos chamados “movimentos sociais”.

Além da ONU e das centenas de organizações que estão sob o seu guarda-chuva, muitas outras instituições (privadas, mistas ou públicas) de caráter internacional exercem influência silenciosa, obscura e decisiva na política e na cultura de praticamente todos os países. Este eixo da máquina globalista inclui ainda os blocos regionais, que funcionam como preparatório e facilitador para o futuro governo mundial totalitário que estão implantando.

A concentração dos mercados rentáveis nas mãos das grandes corporações multinacionais também é um eixo central do globalismo. Não apenas pelo poder econômico, mas principalmente por sua capacidade de influenciar — ou comprar — decisões legislativas e administrativas que esmagam os pequenos empresários ante regulações feitas sob medida para favorecer os grandes. Note o leitor que neste eixo não achei necessário citar os bancos por uma simples razão: porque eles são donos delas.

Cada vez que você ouvir “novas legislações, regulações, fiscalizações, proibições”, tenha certeza de que os três eixos citados

acima serão favorecidos de alguma maneira. O Estado fica mais forte, o alinhamento internacional freqüente em novas leis enfraquece as soberanias nacionais e facilitam a hegemonia das grandes corporações, as únicas capazes de cumprir uma regulação que normalmente foi pedida por elas. Seja ampla ou restrita, boa ou ruim, local ou global, coerente ou esdrúxula, uma nova lei costuma produzir sempre esse mesmo resultado.

Entendendo os eixos principais do aparato globalista, fica muito mais fácil perceber todo processo, mas algumas vezes eles só ficam visíveis quando observamos as engrenagens periféricas, que em sua maioria tem como objetivo principal a mudança cultural da sociedade e dos seus membros.

Em um artigo de 1959 que virou livro,[2] Plinio Corrêa de Oliveira, um dos primeiros brasileiros a identificar o processo, elenca as três principais áreas de atuação destas engrenagens periféricas:

---

revolução nas tendências, nas idéias e nos fatos.

Nas tendências podemos incluir as mentalidades, expressões artísticas e costumes. A revolução das idéias se dá, principalmente, pela sobrevalorização das ideologias em oposição à realidade, e a revolução dos fatos funciona como uma extensão ou conseqüência da anterior e opera na transformação das instituições.

Movimentos que oficialmente defendem direitos civis foram criados com objetivos muito diferentes dos alardeados, outros foram capturados e hoje todos funcionam como engrenagens ativas do processo. Mesmo aqueles que apresentam alguns resultados aparentemente benéficos à sociedade, quando aprofundados fortalecem a ideologia hegemônica e, portanto, o Estado e as corporações. O manuseio destes movimentos é conduzido com precisão cirúrgica para espalhar a ideologia e avançar com o plano.

Todas estas armas são usadas em conjunto e obedecem a um processo de multiplicação parecido com um fractal, que se divide indefinidamente sem perder as principais características.

O grupo que está por trás das iniciativas que estão levando, gradativamente, a um governo mundial totalitário possui as ferramentas mais valiosas: eles dispõem de tempo, por isso não têm pressa; e dispõem dos recursos para as mais variadas iniciativas, inclusive a compra de consciências e das mais afiadas inteligências.

Sobre o planejamento de longo prazo, é preciso entender o pensamento dinástico que guia seus planos. Mais adiante trataremos desse aspecto. E o poderio dos seus recursos pode ser compreendido quando percebemos que os principais beneficiários do projeto são aqueles que já controlam os bancos, a grande imprensa e as multinacionais que dominam áreas estratégicas como energia, informática, indústria farmacêutica, entretenimento, mineração etc. Para entender a profundidade e o alcance dessa influência, basta verificar como as pesquisas científicas mais robustas são financiadas por fundações que pertencem a estes mesmos grupos.

Sempre indico a biografia do David Rockefeller porque poucas vezes temos a oportunidade de ouvir uma das vozes mais influentes do mundo, e que teve uma posição central em todo processo de transformar o mundo para submetê-lo a um governo mundial. Este livro permite entender os objetivos destes personagens, conhecer melhor a abrangência do seu poder e compreender seus métodos.

Para entender como os globalistas agem, não basta acompanhar as notícias e esperar uma linearidade precisa e contínua. Um dos principais obstáculos para a compreensão do todo pode ser explicado com uma analogia. Engana-se que a política funciona como uma partida de xadrez, onde a racionalidade tende a prevenir todos os riscos. No mundo real, o andamento das iniciativas ligadas à Nova Ordem Mundial se parece mais com um jogo de pôquer:[3] as diretrizes

matemáticas devem levar em consideração o imprevisto e as reações do adversário.

QUEM

A resposta à pergunta “quem está por trás de tudo isso?” brota naturalmente quando descobrimos que estamos no meio de um processo que deve mudar a vida de todos os habitantes do planeta.

Para obter uma resposta coerente e verossímil a este questionamento devemos dar um passo atrás e fazer a seguinte reflexão: se a concretização de um plano exige um tempo superior ao de uma vida humana, os agentes envolvidos na implantação não podem ser indivíduos isolados, caso contrário o plano estaria fadado ao fracasso com a morte de um deles, ou com a passagem de uma geração.

Sabemos que os planos de um governo mundial sempre existiram. Todos os grandes impérios e ditadores desejaram submeter o mundo conhecido ao seu poder, mas devido a inúmeros fatores, principalmente tecnológicos, seus sonhos não se concretizaram e permaneceram nas suas cabeças megalomaníacas.

Mesmo sem a intenção de fazer um registro histórico minucioso sobre as origens da NOM, podemos dizer que com as profundas mudanças iniciadas entre os séculos XV e XVIII, aceleradas com novas tecnologias e novas estruturas de poder, a idéia de governo mundial ganha força e volta à pauta das conversas entre poderosos.

Com a criação dos primeiros sistemas bancários internacionais foi possível eliminar um dos principais entraves à idéia de governo global. Os bancos possibilitaram a centralização, o controle e a segurança dos recursos.

Os riscos envolvidos nas Grandes Navegações e nas viagens de Templários, jesuítas e muçulmanos forçaram a substituição do ouro por cartas de crédito. Os recursos depositados na Europa poderiam ser sacados em qualquer lugar do mundo.

No século XVIII um alemão chamado Mayer Amschel Bauer funda seu banco e despacha seus filhos para os principais centros financeiros da época, criando uma rede bancária de sucesso, que em pouco tempo passou a financiar as necessidades, as aventuras e os luxos da nobreza européia. Surge aí a Casa Rothschild, nomeada com o novo sobrenome de Mayer, que significa “escudo vermelho”.

A partir deste momento começam a se destacar os principais autores e agentes do plano que hoje está se concretizando. Como foi dito anteriormente, agentes isolados não conseguiriam sustentar um plano cuja implantação é mais duradoura do que suas próprias vidas.

A continuidade do projeto e a sua implantação dependem de agentes que permanecem na história mesmo após a sua morte.

O descobrimento e o desenvolvimento das Américas tornaram ainda mais complexo o panorama e as sociedades passam a depender cada vez mais dos serviços bancários. Ganham força também as entidades como os Illuminati e a Maçonaria, que evoluíram de entidades representativas para poderosos centros de discussão política. E como a sua ação quase sempre foi envolta em mistérios e discrição, resta buscar a compreensão nos seus erros ou nos vazamentos causados por dissidentes e infortúnios dos planejadores.

Dois acontecimentos inesperados podem ajudar a entender os objetivos e os métodos destes grupos de pessoas. O primeiro ocorre com os Illuminati da Baviera, sociedade criada pelo jesuíta Adam Weishaup sob as ordens de Mayer Amschel, o patriarca da família Rothschild. Após uma das suas reuniões, uma carruagem contendo as atas foi fulminada por um raio e os segredos foram revelados, o que gerou perseguição, prisões e a proibição das suas atividades, colocando os “iluminados” na clandestinidade. O outro ocorreu

quando Alber Pike[4] escreveu uma carta para o líder revolucionário italiano, Giuseppe Mazzini,[5] em 1871. A carta foi entregue em um endereço errado e seu conteúdo assustador veio à tona: um plano que envolve três guerras mundiais e a constituição de um governo global sob a marca do *anticristianismo*.[6] O conteúdo integral da carta está disponível no meu livro anterior e a um clique no Google, mas vale ressaltar aqui a importância desta correspondência: Pike é autor de *Moral e dogma*, conteúdo prático e filosófico dos 33 graus do Rito Escocês da Maçonaria, usado até hoje; Mazzini era reconhecidamente a principal liderança Illuminati na Itália e o documento ficou em exposição na biblioteca do Museu Britânico de Londres até 1977.[7]

Pulando para uma época mais próxima aos nossos dias, podemos verificar o crescimento, a multiplicação e o poder quase onipresente destas sociedades, que podem ser secretas ou apenas discretas. Seus quadros estão enraizados nos governos e grandes corporações. Em geral recrutam seus membros ainda nas universidades, e os colocam em posições estratégicas.

Não me arrisco a determinar com precisão a totalidade dos membros ou sua exata posição hierárquica, mas é possível deduzir alguns nomes observando seus movimentos e os resultados das suas ações. Alguns destes nomes já se tornaram famosos e de certa forma simbolizam a NOM. Além dos já citados Rothschild, outras famílias e instituições revelam-se proeminentes na implantação deste plano macabro: Rockefeller e Soros,[8] este mais recentemente e, talvez, como um “testa de ferro” de outras famílias.

Quanto aos primeiros (Rothschild e Rockefeller) posso afirmar que tenho certeza da sua posição no topo da pirâmide.

A relação dos Rockefeller com o Brasil pode ser verificada na própria biografia do neto de John Davison Rockefeller, o patriarca fundador da gigante Standard Oil. David Rockefeller comandou o principal banco da família,[9] um dos maiores do mundo, hoje unido ao grupo criado por JP Morgan,[10] e foi responsável por centenas de iniciativas globalistas, seja por meio de suas empresas, seja pelas fundações e ONGs que financiou. Em *Memories*, livro de 2002, o megalomaníaco conta sua influência nas universidades[11] e bancos brasileiros,[12] confessa sua intenção de criar um governo único mundial e acredita que a sua família está preparada para comandar a vida de todas as outras pessoas do mundo.

Atualmente o nome que exerce maior influência visível no Brasil é o húngaro George Soros, um dos maiores investidores do mundo. Seus tentáculos são tão extensos que fica quase impossível identificar cada um deles. Sua fundação, a Open Society, financia centenas de outras ONGs, movimentos, e outras entidades disfarçadas de filantrópicas. Apenas um exemplo mostra o alcance das suas ações: o Projec Syndicate,[13] um braço da Open Society responsável pela divulgação de suas idéias, atinge milhares de jornalistas e formadores de opinião, entre eles alguns nomes de destaque na política e na imprensa do Brasil.

É claro que muitos outros nomes e sobrenomes ocupam o topo da pirâmide, mas usei apenas estes para mostrar que partindo dos seus atos e dos seus tentáculos é possível deduzir quais são algumas das pessoas que estão por trás das iniciativas que compõem a Nova Ordem Mundial. Além disso, precisamos incluir nesse emaranhado de informações os representantes de outras forças globalistas que lutam entre si para buscar a hegemonia e implantar o governo mundial adequado às suas pretensões. Não é bom esquecer que onde existirem dois megalomaníacos sempre haverá uma disputa entre eles.

QUANDO

Desde a domesticação do camelo os homens negociam com vizinhos mais distantes. Os sumérios partiam da Mesopotâmia e subiam os Montes Zagros em busca de alimentos e, principalmente, de madeira, algo raríssimo na região entre os rios Tigre e Eufrates. Pagavam com pedras de Lápis-lazúli e outros mantimentos. Mais tarde esse mesmo povo chegou ao Mediterrâneo, ao Cáucaso e ao Egito, comprando, vendendo e trocando produtos artesanais, alimentos e minérios exuberantes. Nasce neste momento um rascunho do que viria a ser a globalização, no início exclusivamente comercial, mas a expansão dos negócios e a escalada da produção de riquezas desperta, em mentes megalomaníacas totalitárias o desejo de estender o seu poder. Começa aí

o primeiro projeto de governo mundial de que se tem notícia,

com Sargão de Acádia, que conquistou a região antes dominada pelos sumérios.

No império de Sargão surge o exército profissional, que crescia exponencialmente conforme expandia seu poder anexando territórios vencidos. Uma longa seqüência de batalhas e vitórias geravam alta rotatividade e crescimento do exército, e uma nova economia surge para atender os soldados, que dividiam parte dos espólios dos vencidos. Bem remunerados e respeitados em toda comunidade, rapidamente o império passa a depender desta nova economia e um círculo vicioso impõe novas invasões, novas batalhas e mais territórios anexados, sucessivamente, até implodir toda estrutura. Este "erro" de Sargão e de outros impérios como o de Alexandre Magno ou dos romanos deve ter servido de exemplo para aqueles que atualmente planejam um governo mundial que não dependa exclusivamente do poderio militar.

Não devemos esquecer, no entanto, que apesar das diferenças entre globalismo e globalização, há pelo menos um século a globalização

comercial vem sendo aparelhada para facilitar a implantação das iniciativas globalistas.

O globalismo, como conhecemos hoje, ou seja, uma estratégia bem específica de governança global, foi se estruturando, com erros e acertos, durante toda a história. Os impérios da antiguidade e da Idade Média ainda mantinham profunda relação com raças, povos, línguas e religiões, e as aspirações dos imperadores eram quase sempre restritas ao controle de recursos e à manutenção do poder. Acredito que as ambições destes homens não chegavam nem perto do atual desejo de formar “um novo homem”.

Com o fim da Idade Média e o início dos ataques dos Illuminati contra a hegemonia católica na Europa, tem início uma nova etapa do processo, agora mais estruturada e com planejamento minucioso e de longo prazo.

Após a Revolução Francesa, outra vitória dos Illuminati, a destruição da mais poderosa monarquia européia espalha desordens pelo continente e abre novas possibilidades para o avanço da quadrilha de banqueiros.

O caos sempre os favorece.

Nos dois últimos séculos a agenda da NOM tem crescido e se ampliado de tal maneira que qualquer análise se torna incompreensível sem atentar para os ciclos de aceleração e freio que fazem os planos avançarem até determinado ponto e, quando os riscos começam a aparecer, diminuem a velocidade e até mesmo recuam em pontos específicos. O cronograma funciona mais ou menos de acordo com as particularidades da época, do lugar onde estão atuando e de acordo com erros e acertos de iniciativas anteriores: quando o interesse pelo assunto entra ou volta à pauta, todos os conhecimentos anteriores são colocados à disposição do novo plano e os antigos

mesmo desnutridos, continuam existindo e contribuindo, ainda que pouco.

Onde

É bastante difícil localizar todas as fontes destas iniciativas. Por tratar-se de um plano eminentemente global, a localização geográfica de onde partiram e partem os planos são quase impossíveis de rastrear, pois estão espalhadas por todo o mundo.

Observando atentamente as notícias internacionais podemos notar como as iniciativas totalitárias estão em toda parte, e aos poucos estão roendo as estruturas dos mais variados países, com os mais diferentes regimes políticos e econômicos.

Se na China o partido único aumenta os poderes do presidente de forma a torná-lo praticamente o dono de uma nação que possui mais de 18% da população mundial, nas universidades americanas são planejadas muitas das iniciativas que depois serão espalhadas e imitadas no resto do mundo. Na Suíça, na Rússia e até mesmo no mundo muçulmano ou nas regiões mais pobres da África os ritmos e métodos podem se diferenciar, mas os resultados são sempre os mesmos: aumento do poder do Estado e controle dos mercados pelas corporações multinacionais.

O Ocidente, a civilização mais próspera que se criou ao longo da história, é o alvo primordial,

pois sem subjugar a cultura mais influente do mundo não será possível implantar as medidas globalistas de maior impacto, mas isso não exclui, de maneira alguma, as demais sociedades.

Talvez seja preciso destacar que quando uso a expressão civilização ocidental ou Ocidente não estou me referindo a um imperativo

geográfico, mas às sociedades formadas pelos valores e costumes citados anteriormente: cristianismo, filosofia grega e direito romano.

Em um mundo cada vez mais interligado por negócios, viagens, intercâmbios culturais e sociais, com a informação circulando de forma quase imediata, não há como determinar países e regiões, nem de onde partiram os ataques e muito menos especificar os alvos. Resumindo, a Nova Ordem Mundial é, por definição, global, embora apresente características próprias, e particularidades regionais coerentes com a estratégia gradual e escalonada.

P **Or qu**ê Nunca é demais lembrar que toda análise política, ou melhor, toda observação da realidade deve respeitar, com humildade, uma regra de ouro: ninguém é capaz de afirmar, com toda certeza, o que se passa na cabeça de outra pessoa. Seus mais profundos desejos são inacessíveis a terceiros por definição, e muitas vezes são incompreendidos até mesmo pelos seus proprietários. Apenas Deus pode perscrutar o coração de um homem, mas nós podemos conjecturar as motivações observando seus comportamentos.

Qualquer análise que esqueça essa regra corre o risco de ultrapassar o bom senso e alimentar a confusão. Fica claro, portanto, que as tentativas de explicar as motivações podem, no máximo, se apoiar em deduções e suposições para preencher as muitas lacunas deixadas entre os fatos visíveis e ostensivos. Mesmo quando temos acesso aos detalhes dos planos e estratégias, coisa muito rara, dificilmente conseguimos determinar as suas reais motivações.

Dentro dessa perspectiva limitadora, e tomando os cuidados devidos, podemos buscar a compreensão ligando os pontos e alargando o ângulo das observações: “se eles fazem isso, isso e isso, devem estar querendo aquilo”.

NEM TUDO É POR DINHEIRO.[14]

Um dos problemas que impede a melhor proliferação de informações relacionadas aos planos globalistas é a incapacidade de algumas pessoas em imaginar causas diferentes da ganância material.

Sem dúvida o dinheiro e os benefícios que ele traz servem também para entender iniciativas e identificar personagens, mas nem sempre o raso e vulgar interesse fiduciário responde a todas as questões. Antes é preciso entender o pensamento dinástico.

As pessoas que estão por trás destes planos têm dinheiro. Muito dinheiro. Controlam os bancos e a própria emissão das moedas, as grandes empresas multinacionais e boa parte da imprensa. Suas fundações influenciam as universidades, criam tendências e financiam os formadores de opinião. Estes indivíduos quase sempre são membros de famílias que estão nessa posição privilegiada há muitas décadas ou mesmo séculos. Não estão preocupados com o agora, mas com a manutenção do poder e a preservação das riquezas amealhadas por seus antepassados.

Enquanto uma pessoa comum pensa no curto prazo, no sustento de sua família, no conforto de seus filhos ou no máximo netos, estas pessoas estão planejando o futuro de várias gerações e desejam o poder de forma doentia.[15] Esta característica peculiar transforma a mente e o coração destas pessoas, que desde cedo são ensinadas a desprezar o restante da população. Quem confirma que este tipo de dessensibilização ocorre com as crianças nascidas nestas famílias é Foster Gamble, herdeiro da Procter & Gamble, um dos maiores conglomerados industriais do mundo.

Outro fator importante para compreender as motivações deste grupo de pessoas é aquilo que Olavo de Carvalho chama de *metacapitalista*: o sujeito que enriquece tanto com a liberdade econômica que, depois de certo ponto, já não pode mais sujeitar-se às oscilações do mercado e tem de passar a controlá-lo.

Se os do andar de cima pensam no poder, na sua dinastia e no futuro dos netos de seus tataranetos, outros apenas buscam resultados materiais imediatos ou respondem a estímulos psicológicos implantados na sua mente por ideologia e carisma do seu guru. Estes são a maioria e apesar de não participarem dos planos e não conhecerem a totalidade das questões vitais deste projeto, são os principais agentes implantadores da agenda. São como “companheiros de viagem” e serão descartados quando sua missão for cumprida.

Atualmente a expressão Nova Ordem Mundial tem sido usada como sinônimo de globalismo, mas estamos vendo que isso não é totalmente preciso.

Em nome dessa precisão, reconheço ligações e semelhanças, principalmente no sentido informacional desejado por alguns emissores, mas não vejo, no entanto, que tenham exatamente um mesmo significado.

A expressão Nova Ordem Mundial, conforme eu a uso desde o início dos meus textos, corresponde ao conjunto de ideais e iniciativas que procuram construir uma nova sociedade e, mais que isso, uma nova civilização.

Como pretendem reconstruir todo arcabouço civilizacional, não basta modificar os regimes políticos e econômicos; é preciso transformar a sociedade em seus níveis mais profundos, ou seja, toda a cultura. Para alcançar esse ambicioso objetivo entram em cena os elementos da revolução cultural, que corrói valores e princípios para então substituí-los por novos paradigmas, muitas vezes opostos.

A construção desse novo ambiente, que vai formar as futuras mentalidades, depende da destruição ou pelo menos da diluição, do

enfraquecimento dos principais pilares que sustentaram a civilização ocidental, e que foram cristalizados nos últimos milênios.

As heranças dos gregos, dos romanos e da cultura judaica registrada no Antigo Testamento foram purificadas e aperfeiçoadas pelos dois mil anos de cristianismo. E estes são precisamente os alvos daqueles que pretendem criar um novo ordenamento político, econômico, social e cultural.

O ex-agente da KGB Yuri Bezmenov explica o passo-a-passo dessa estratégia (que não é a única):

1. Desmoralização

2. Desestabilização

3. Crise

4. Normalização

Nesse sentido, o globalismo é apenas um dos aspectos dessa nova civilização que estão tentando impor ao mundo sem sua aprovação e, mais ainda, sem o seu conhecimento.

Em outras palavras, globalismo é uma das inúmeras faces da Nova Ordem Mundial, pois o projeto prevê, entre outras coisas, um governo centralizado. Apesar das diferenças conceituais, portanto, existem similaridades e uma relação de pertencimento e coerência entre os objetivos de cada um destes conceitos. O próprio globalismo, aliás, funciona como ferramenta de transformação social ao fortalecer as mentalidades que superestimam os elementos internacionalistas na cultura da sociedade, naturalizando, desta forma, a idéia de um mundo sem fronteiras, sem soberanias nacionais e, em último estágio, sem nações.

“A estrutura que deve desaparecer é a nação”. Edmond de Rothschild, em 1934

Essa simbiose resume um plano megalomaníaco que vai dar errado, mas vai trazer muito infortúnio e tragédia enquanto durar.

CAPÍTULO

HISTÓRIA DO GLOBALISMO

ANTECEDENTES

idéia de governo mundial sempre existiu na cabeça de imperadores e tiranos, mas o contexto histórico, a impossibilidade tecnológica e as limitações dos recursos e da logística mantinham a idéia no mundo da imaginação.

A descoberta dos novos mundos, o surgimento da imprensa, a Reforma Protestante e a Revolução Industrial tinham mudado a Europa nos últimos séculos e esse caldo cultural que se formou desde o fim da Idade Média era o substrato ideal para o surgimento deste que considero o primeiro ciclo globalista, que ocorre no início do século XVIII.

PRIMEIRO CICLO — AS IDÉIAS

No desenvolvimento do globalismo como conhecemos hoje, o século XVIII pode ser descrito como a primeira etapa, o primeiro ciclo globalista, ou, o ciclo das idéias.

Neste período, além do surgimento das redes bancárias familiares, que tornaram mais seguras e práticas as transações econômicas, condições necessárias para qualquer governo de grande alcance geográfico, o próprio ambiente europeu estava mudado e, na cabeça dos megalomaníacos, pronto para mudanças ainda mais significativas.

Devido à descentralização do debate cultural que vinha acontecendo na Europa, surgem grupos de intelectuais e notáveis da sociedade que se reúnem para discutir questões políticas e econômicas. Como conspiravam contra monarquias e contra a Igreja Católica,

cultuavam o segredo e envolviam suas conversas entre símbolos e ritos herdados de sociedades esotéricas antigas.

Dentre as várias sociedades surgidas nesse período, umas mais místicas e outras nem tanto, muitas desapareceram ou foram assimiladas pela Maçonaria, criada em 1717 e que logo virou uma rede com ramificações em vários pontos da Europa. Como se autoproclama sucessora e herdeira de todas as antigas tradições herméticas e iniciáticas, assimila todos os símbolos e ritos anteriores.

Mais tarde, no 1° de maio de 1776, foi criada a Ordem dos Iluminados da Baviera, ou Illuminati, como ficou bastante famosa depois do livro de Dan Brown. Ela de fato existiu, foi muito poderosa porque surgira da iniciativa de um banqueiro, Amshel Mayer Rothschild, com a ajuda de um jesuíta, Adam Weishaupt, filho de um professor de direito, que perdeu o pai ainda criança e foi adotado pelo diretor da universidade. Curiosamente foi esse homem que retirou poderes dos jesuítas quando ocupou um cargo na reitoria.

Enquanto a Maçonaria era formada por burgueses e intelectuais, em sua maioria protestantes, inclusive com dois clérigos entre os fundadores,[16] os Illuminati eram nobres descontentes com sua posição na corte e banqueiros. A Maçonaria era anticlerical, e, portanto anticatólica, e os Illuminati eram anticristãos. Poucos anos após a fundação, um nobre alemão com grande influência na Maçonaria inglesa e alemã, Adolf von Knigge, foi convidado a fazer parte da ordem

com o objetivo de levar os Illuminati para dentro da Maçonaria. E foi o que aconteceu. Antes da virada do século

XVIII para o século XIX, os Illuminati já controlavam a Maçonaria.

As idéias globalistas já existiam antes do século XVIII, mas eram ainda dispersas e frágeis. Nestas reuniões elas passam a tomar corpo e vão se transformando em planos mais sólidos e mais elaborados, com metas e objetivos mais palpáveis. Surge, então, o ideal que seria carregado e aperfeiçoado pelos próximos três séculos: a **“**República Universal”.

Como conseqüência da disseminação destas idéias, o pensamento iluminista passa a receber mais destaque, devido a patrocínios e apoios. Neste momento também começa a circular todo tipo de notícia contrária à Igreja e ao cristianismo, assim como críticas às monarquias e elogios aos ideais republicanos. O principal resultado, quase imediato, aparece décadas depois com a Revolução Francesa e tudo que ela representou e influenciou em todo o mundo.

Abro aqui um parêntesis para lembrar que, conforme percebeu o historiador francês Fustel de Coulanges,[17] a transformação de uma sociedade depende de três revoluções consecutivas: espiritual-religiosa, política, econômica-legal.[18]

Os desdobramentos deste ciclo das idéias vão além das ações pontuais, e como se repetirá nos próximos ciclos, os organismos criados tendem a criar novos agentes independentes.

SEGUNDO CICLO — O MÉTODO

No século XIX, o mundo estava transformado. Os desdobramentos da Revolução Francesa se alastraram por todo o mundo e o panorama já permitia planos mais amplos, mais bem elaborados e com prazos menos imediatos, dado o gradual enfraquecimento das instituições que poderiam resistir às implantações. Se o primeiro ciclo fora o momento da organização das idéias, agora o objetivo era criar os métodos de

ação e avançar na formação de estratégias que ordenariam a prática revolucionária.

Quando observamos o desenvolvimento dos ideais globalistas, percebemos que as iniciativas costumam seguir um método de implantação que consiste em manejar tensões contrárias a fim de alcançar um objetivo. Nas palavras da dialética hegeliana: *tese + antítese = síntese*.

Ou, como disse o patriarca dos Rothschild: "A única maneira de controlar um conflito é controlar os dois lados do conflito".

Os dois principais fatos deste ciclo, que vão sustentar a tese da criação do método, são:

O Manifesto do Partido Comunista (de 1848);

A Sociedade Fabiana (de 1884).

O *Manifesto do Partido Comunista*, publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, não foi um trabalho espontâneo dos seus autores, Marx e Engels; foi uma encomenda da Sociedade dos Justos (que mais tarde se tornou a Liga dos Comunistas), uma entidade paramaçônica criada por um discípulo de Philippe Buonarroti, um importante carbonário italiano. Influenciado pelo messianismo político de Moses Hess, o documento dá corpo a um pensamento revolucionário de grande alcance, que já nasce com o caráter internacionalista, sob influência direta da Carbonária e da Maçonaria, o que lhe garante trânsito entre as mais altas esferas da política e da economia.

A *Fabian Society* foi criada em 4 de janeiro de 1884 por intelectuais e magnatas preocupados com o descontrole sobre o pensamento revolucionário marxista (Marx morreu em 1883, mas suas idéias

estavam ficando muito influentes). Os fabianos eram socialistas, mas defendiam uma transição menos traumática, por isso batizaram a organização em homenagem ao cônsul Fábio Máximo, o Cunctator (traduzido do latim, “o que adia”), que venceu Aníbal[19] usando a paciência como arma de guerra.

Como estes dois eventos ocorrem com uma distância de vários anos, não sei se a idéia de um método já existia na cabeça dessas pessoas. Sabemos que o pensamento de Hegel sobre a dialética já circulava e a idéia das duas vias contida na Cabala também influenciava intelectuais daquela época, em especial os republicanos. Cabe notar aqui que, segundo o filósofo e escritor britânico Bryan Magee, Hegel era cabalista.

Mas mesmo que a descoberta ou a percepção do método tenha acontecido depois, o fato é que ele tem sido usado constantemente na política partidária e na manipulação da opinião pública.

Nesse período, a Maçonaria já estava influenciando a vida política no mundo todo, criando lojas, vendas e ramificações temáticas, como a Ordem da Estrela do Oriente ou A Ordem DeMolay, ou regionais, como a Carbonária, na Itália.

No Brasil essa influência se deu em vários níveis, até mesmo nas universidades, como a Burschenschaft Paulista, conhecida como Bucha, uma fraternidade universitária iniciática incrustrada na Faculdade do Largo São Francisco. Criada por um maçom alemão chamado Julius Frank, aos moldes da *Skull and Bones*, radicada na Universidade de Yale e de onde saíram vários presidentes americanos, a Bucha também formou diversas autoridades do século XIX e de pelo menos a primeira metade do século XX. Depois surgiram fraternidades do mesmo tipo na Escola Politécnica, na Faculdade de Medicina da USP e em várias outras escolas de direito.

Uma curiosidade que pode explicar a evolução dos ideais republicanos no Brasil: a Bucha foi a responsável pela Convenção de

Itu, a primeira convenção republicana do Brasil, que aconteceu em abril de 1873 no interior de São Paulo. Este evento foi decisivo na elaboração da estratégia e na reunião e organização das pessoas que poucos anos depois derrubariam o imperador. E nunca é demais lembrar que muitos desses bucheiros eram os principais interlocutores do exército.

TERCEIRO CICLO — OS INSTRUMENTOS

Já vimos o surgimento das idéias e do método de ação. Agora veremos que este terceiro ciclo se caracteriza pelo surgimento dos instrumentos, que podem ser representados por alguns fatos:

O surgimento do FED (1913).

As Fundações: de 1900 a 1940.

A Liga das Nações (Sociedade Nações — Paris), 1919.

Os think tanks: CFR e Chatham House.

No final do século XIX, começam a surgir fortunas imensas nos EUA. A imagem destes magnatas do aço, do petróleo, das ferrovias e do sistema financeiro estava muito arranhada porque a sociedade americana via esses sujeitos como exageradamente ambiciosos, egoístas, insensíveis etc. Isso piorou quando uma jornalista americana, Ida Tarbell, lançou *A história da Standard Oil*, em 1904. Esse livro foi devastador para a imagem da Família Rockefeller, controladora da empresa, e respingou em todos os outros milionários, que já vinham sendo chamados por alcunhas pouco elogiosas como “Barão-Ladrão”. Para tentar amenizar o desgaste da empresa e da família, começaram a patrocinar causas populares e acabaram criando a Fundação Rockefelller, em 1913, seguindo uma idéia de Andrew Carnegie, que já tinha criado a sua própria fundação em 1905. Mais tarde várias outras famílias e corporações fizeram o mesmo, e com o tempo

perceberam que, além de melhorar a imagem das suas empresas, as fundações poderiam contribuir para influenciar a sociedade e os poderes políticos,

---

seja por meio de patrocínios e incentivos a determinadas causas, seja pelo financiamento direto de candidatos.

O Federal Reserve não é federal e não é uma reserva propriamente, mas funciona como uma espécie de banco central americano, de caráter privado, mas com aparente autoridade estatal, controlado por alguns poucos banqueiros. Apesar de já existirem bancos centrais desde pelo menos o século XVII,[20] o FED vai inovar ao padronizar as transações e se transformar rapidamente no eixo financeiro mundial. Para construir um governo mundial é necessário um aparato complexo de controle de recursos. Com o FED eles conseguem esse passo decisivo e mais tarde essa idéia ganha ainda mais força e surge em 1930 o BIS, Banco de Compensações Internacionais, o banco dos bancos centrais. Desde a sua criação, em uma obscura reunião ocorrida na Ilha Jekyll, na costa do estado da Geórgia, nos Estados Unidos, o FED e seus congêneres trabalham pela eliminação de todo e qualquer lastro no dinheiro, transferindo para os grandes banqueiros o controle efetivo da economia mundial.

Da família Rockefeller também parte a iniciativa da criação do Council on Foreign Relations, o CFR, um *think tank* que surge como uma entidade independente, privada, e que espelhava a estrutura do Chatham House, um organismo surgido dois anos antes na Inglaterra. O CFR ficou conhecido como ante-sala da presidência e a Chatham House é responsável por criar as regras de conduta aplicadas a todas estas organizações.

Regra de Chatham House:

“Quando uma reunião (ou uma parte da reunião) é governada pela regra da Chatham House, os participantes são livres para usar a informação recebida, mas não podem divulgar a identidade e a afiliação dos oradores e dos participantes”.

Logo após a Primeira Guerra Mundial, em 28 de abril de 1919[21] é criada a Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, precursora da ONU, o primeiro órgão eminentemente global, com prerrogativas de ação dadas pelos governos dos países membros, e que consistia oficialmente em uma iniciativa destinada a manter a paz mundial, mas que com o tempo passou a trabalhar na mesma agenda das fundações e dos *think tanks* como CFR e Chatham House.

Estão dados neste terceiro ciclo os instrumentos que seriam usados para avançar uma agenda: órgãos internacionais, fundações, *think tanks*. Todos com o objetivo de criar uma república universal.

Encerrado este terceiro ciclo, que pode ser demarcado até mais ou menos a Segunda Guerra Mundial, e antes de avançar para o próximo, podemos observar algumas características comuns a todos os ciclos:

Desdobramento do anterior;

Age e produz novos agentes;

Torna-se independente do anterior;

Ação dinâmica e flexível.

QUARTO CICLO — INFILTRAÇÃO

Este ciclo, que tem início após a Segunda Guerra, funciona como uma continuidade do anterior, desdobrando-se e criando novos

agentes com objetivos específicos. Alguns deles:

ONU — 1945;

FMI, Banco Mundial, BIRD — 1945;

Tribunal Internacional de Justiça — 1945;

Organização dos Estados Americanos 1948;

Unesco, Unicef — 1946;

OTAN — 1949;

Clube Bilderberg — 1954;

Clube de Roma — 1968;

Comissão Trilateral — 1973;

Diálogo Interamericano — 1982;

Foro de São Paulo — 1990.

Podemos notar que este ciclo amplia consideravelmente a área de atuação dos organismos globalistas. A ONU, que substitui a Liga das Nações, torna-se a principal força de pressão contra as soberanias nacionais. Seu alcance ultrapassa todos os organismos anteriores e funciona como um guarda-chuva, abrigando centenas de outras organizações. Por meio dos seus inúmeros tentáculos abarca aspectos tão diferentes como política, economia, educação, justiça e forças armadas, e utiliza esses braços de forma coordenada para influenciar decisões governamentais, seja por determinações disfarçadas de recomendações científicas, seja chantageando as nações com ameaças implícitas ou benefícios aparentes. Os outros organismos sob a responsabilidade ou orientação da ONU obedecem aos mesmos princípios e se colocam freqüentemente acima das autoridades das nações.

O Clube Bilderberg, talvez o mais famoso desses organismos, foi criado em 1954 com o objetivo declarado de instituir um bloco europeu, com leis iguais e moeda única. Também trata de preparar e

aprofundar as relações entre a América do Norte e a futura Europa unificada.

A Comissão Trilateral[22] é uma idéia da Família Rockefeller para discutir as relações entre Europa, América do Norte e Japão, inicialmente. Depois passou a receber outros membros asiáticos, como a China e a Coréia do Sul, e da Oceania, como Austrália e Nova Zelândia.

O Diálogo Interamericano, criado em 1982, também surge como iniciativa dos Rockefeller e tinha o objetivo de incentivar a criação de um bloco latino-americano. Por isso financiaram o Foro de São Paulo e, segundo Heitor de Paola,[23] participaram do que ficou conhecido como Pacto de Princeton, um suposto acordo feito entre petistas e tucanos ocorrido durante o governo Clinton.

Deixei o Clube de Roma por último, mesmo tendo sido criado um pouco antes, em 1968, porque ele é menos falado, mas sua influência é avassaladora.

Foi o Clube de Roma que criou o Relatório Limites do Crescimento, que serviu de matéria prima para as agendas globalistas defendidas pela ONU e por seus tentáculos: Eco 92, Rio +10, Agenda 21, Agenda 2030 etc.

Em suas dezenas de conferências, painéis e resoluções, nota-se um foco no ambientalismo, de onde creio que sairá o primeiro imposto mundial, o que implica, necessariamente, na criação de uma estrutura global para calcular, cobrar os valores devidos e punir os inadimplentes.Por acontecer logo após a Segunda Guerra, este ciclo engloba observações das experiências totalitárias, que inclusive

receberam financiamento destes mesmos banqueiros (Jacob Shiff, da Kuhn Loheb & Company arrecadou dinheiro para a Revolução Russa e entregou para Trostky; e Prescott Bush fez o mesmo para o nazismo).[24]

Ao observar o fracasso das tentativas totalitárias do século XX, perceberam que para mudar a sociedade seria preciso mudar as pessoas e, portanto, a mudança precisava ser mais profunda e alcançar a cultura e os valores da população. Como são dinâmicos, modificaram sua atuação em alguns pontos, mas foi mantido o ritmo de implantações políticas, agora dando mais destaque às iniciativas de ordem cultural. O pensamento de Antonio Gramsci já circulava desde a década de 1930, mas passa a ser mais bem aproveitado após a Segunda Guerra.

Estes novos organismos que fazem parte deste quarto ciclo passam a difundir não apenas as idéias de governança global, mas também a "teoria crítica" da Escola de Frankfurt,

a idéia de hegemonia cultural e revolução passiva de Gramsci, além das táticas de organização e militância ensinadas por Saul Alinsky.

Também é preciso destacar outro ponto lateral. Após a Segunda Guerra, começa a se tornar muito influente no Oriente Médio o pensamento de um egípcio chamado Sayyid Qutb, que passa a politizar ainda mais o islã, reforçando o ódio ao Ocidente. Seu pensamento foi decisivo na Revolução Iraniana e seus textos foram traduzidos pelo próprio Aiatolá Khomeini. Essa informação será decisiva para entender a posição do islã e o multiculturalismo forçado dos nossos dias.

Eu chamei esse ciclo de infiltração porque neste período a sociedade foi infiltrada nos seus mais variados aspectos: político, econômico, legal,[25] cultural, moral e religioso (v. Teologia da Libertação). Também identifico aqui o fortalecimento do pensamento materialista e cientificista, o culto às universidades e a idolatria do diploma.

QUINTO CICLO — TRANSIÇÃO

Dentro dos planos globalistas, estaríamos em transição para o governo mundial na virada século XX — e, ao que tudo indica, ele foi lançado "oficialmente" pelo Presidente George Bush, o pai, que proferiu um discurso histórico anunciando uma Nova Ordem Mundial. Isso aconteceu no dia 11 de setembro de 1990, exatamente onze anos antes dos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono. Esse termo, transição, é usado atualmente pelos mentores deste projeto totalitário.

Apesar de considerar que o *Zeitgeist*, o espírito do tempo, já foi bastante influenciado, como vimos no ciclo anterior, planos humanos costumam enfrentar adversidades, porque a realidade não se dobra às nossas idéias. Mesmo com planos muito bem feitos e com instrumentos poderosos, surgiu uma resistência.

No meu entender, essa resistência aos planos globalistas ganhou coesão com a Internet. Antes eram apenas autores isolados que pesquisavam o assunto. Nos EUA, por exemplo, dá para ver que a resistência ao globalismo tomou corpo após o *Patrioct Act*, o pacote de restrições aos direitos individuais que George Bush, o filho, implantou após o 11 de setembro. Muito incipiente e restrita à Internet, essa resistência começou a crescer conforme aumentou a circulação de informações, principalmente com o choque causado pelo totalitarismo escancarado que foi colocado em prática no embalo da Covid-19.

Essa resistência não surgiu devido a aspectos políticos e econômicos. Ela foi reforçada pela economia e pelos escândalos, mas na essência

dessa revolta contra o sistema estão as questões morais, culturais e religiosas. As pessoas não agüentavam mais assistir à destruição dos seus valores e talvez nem soubessem formular o que era esse sentimento, mas quando surge na política a opção dela se opor a esse "sistema", a esse poder obscuro, a população a abraça, sem a necessidade de se politizar ou entender profundamente quem é o seu inimigo. Nunca podemos esquecer que, por não ser este o seu principal interesse, a política é um assunto difuso na cabeça da maioria das pessoas.

Acredito que essa resistência ao globalismo ocorre menos por opção política partidária racional e mais por reação espontânea diante dos absurdos impostos pelas pautas identitárias e pela opressão do politicamente correto. A pessoa racionaliza o seu pensamento de acordo com parâmetros políticos, mas a reação se originou da indignação frente aos ataques aos seus valores mais profundos. Escândalos políticos e crises econômicas apenas engrossam a resistência.

Os globalistas também pensam assim. Por isso muitas discussões atuais ocorridas nestes organismos abordam temas ligados aos excessos do politicamente correto. Até onde eu entendi, a idéia é não combater, mas deixar de incentivar com tanto afinco, pois já cumpriram a sua função.

Nosso atual panorama é de transição. De controle de danos, ajustes e recuos. A resistência às pautas de ordem cultural e moral talvez consigam algum recuo na agenda globalista, mas

---

é preciso surgir uma resistência ao sistema financeiro internacional, ao poder dos grandes cartéis e ao coletivismo de qualquer espécie.

As questões de ordem econômica, política e legal continuam sendo implantadas a todo vapor. E organizações muito influentes continuam surgindo nesse período, como a Open Society,[26] de 1993, e a Fundação Bill e Melinda Gates, uma das mais ricas do mundo, criada em 2000.

Se acrescentarmos a este contexto a crescente concentração dos mercados nas mãos das grandes corporações e a hegemonia das empresas digitais, que controlam praticamente todas as condutas e as novas formas de comunicação e transações comerciais, o quadro fica ainda mais claro.

Esse ciclo de transição terá fim com o primeiro imposto mundial, que deve estar relacionado ao ambientalismo — ou à saúde — e será a porta de entrada para a implantação definitiva de uma estrutura governamental, que seguirá as seguintes etapas:

Imposto para países ricos;

Imposto para todos os países;

Imposto sobre grandes empresas;

Imposto sobre todas as empresas;

Imposto sobre todos os indivíduos.

Essa implantação não será imediata e deve provocar alguns conflitos. E a depender da resistência, pode gerar uma grave crise econômica e até mesmo uma guerra mundial, seguidas de uma "normalização", para usar o termo de Yuri Bezmenov, o agente soviético que explicou como funcionava o processo de subversão de uma sociedade (desmoralização, desestabilização, crise e normalização).

Isso pode parecer exagero e alarmismo, mas só estou repetindo o que escreveram ou disseram pessoas como Albert Pike, uma das autoridades históricas da Maçonaria, autor dos volumes *Moral e dogma* que são utilizados em lojas do mundo todo, H. G. Wells, autor de *A conspiração aberta*, dos também socialistas fabianos George

Bernard Shaw, Bertrand Russell e David Rockefeller. Este, que foi um dos homens mais empenhados na criação do governo mundial, disse claramente:

“Estamos diante da oportunidade para uma transformação global. Tudo de que precisamos é a grande crise certa para as nações não apenas aceitarem a Nova Ordem Mundial, mas implorarem por ela”.

FERRAMENTA ÚTIL

A história do globalismo oferece os subsídios para aperfeiçoar a compreensão do panorama político e social que vivenciamos. Conhecendo um pouco da origem e do desenvolvimento desse processo é possível aplicar um eficiente mecanismo de interpretação da realidade.

A melhor, talvez a única forma de entender um fenômeno complexo consiste na compreensão de três fatores:

---

motivação, meios de ação e finalidade.

De trás para frente, o *fim último* de todo processo globalista pode ser resumido na construção de uma gigantesca estrutura, com várias camadas hierárquicas — ou piramidais — cujos pontos interconectados formem uma rede de apoio e sustentação, com ampla capacidade de influir em decisões governamentais que reforcem o estabelecimento de um ambiente de governança centralizado. Isso pode parecer um *ouroboros*, uma cobra que se alimenta de si mesma, mas ganha um sentido ainda mais profundo quando entendemos que a

finalidade está diretamente atrelada a um elemento pouco explorado pela geopolítica: o componente espiritual.

Os *meios de ação* costumam ser mais facilmente percebidos, mas não garantem uma visão geral do quadro. Devido à multiplicidade das iniciativas, que muitas vezes são de gêneros distintos, a observação isolada nem sempre oferece os dados completos.

Para dificultar um pouco mais, em alguns casos surge uma aparente contrariedade, o que, a princípio, parece desmontar a possibilidade de elaborar qualquer teoria. Outro ponto que confunde e pode nublar a compreensão é o desdobramento de cada questão, que pode variar muito de acordo com a sua conexão com as demais.

Os efeitos de uma iniciativa só aparecem de forma clara quando avaliamos o seu papel dentro de um quadro mais amplo e em conjunto com todas as outras. Observar o papel dos organismos multilaterais, das tendências sociais e dos movimentos políticos e culturais pode se tornar confuso porque suas diferentes áreas de atuação não oferecem nem mesmo os pontos essenciais para uma possível comparação.

Além da onipresença da dialética hegeliana, que manipula a tensão entre opostos de forma a controlar o resultado desse conflito (tese + antítese = síntese), também precisamos levar em conta as mentalidades fragmentadas que a cada dia tornam-se mais comuns — reflexo do bombardeio difuso e permanente do cotidiano moderno. Devido a esse fenômeno, o panorama tende a confundir até mesmo os próprios agentes de influência, assim como os militantes que os repercutem.

Quando olhamos para as contradições insolúveis entre a agenda feminista e a militância LGBT, fica difícil entender como e por que esses movimentos pertencem aos mesmos grupos de pressão. Sem inserir nesta equação os elementos que expliquem a motivação e a finalidade de cada iniciativa, é impossível qualquer análise mais embasada.

A *motivação* costuma funcionar como uma ante-sala da finalidade e a própria palavra já indica que a *ação* deve ser determinada pelo *motivo*. É preciso que exista um desejo, uma vontade definida.

Para cada item existe uma pergunta que pode ajudar a revelar (tirar o véu):

Motivação: por que você está fazendo? Meios de ação: como você faz? Finalidade: que resultado você espera?

CAPÍTULO

TECNOCRACIA FEUDAL

Como será essa nova sociedade que já começa a aparecer no horizonte? Desde o momento em que percebemos a existência de um processo de transformação civilizacional, esta é a pergunta mais comum, e também a mais difícil.

Estamos no meio desse caminho, por isso não é possível “cravar” com muita confiança o desenho exato dessa nova formação social, muito menos de suas estruturas mais complexas. Mesmo sem ter certeza, acredito que podemos deduzir um panorama seguindo os três primeiros níveis de credibilidade (possível, verossímil ou provável) e partindo da observação de alguns pontos.

Dentre as várias decorrências deste momento histórico, podemos destacar, quase que como uma revelação, a possibilidade de perceber com mais precisão o modelo de sociedade que os poderosos e seus agentes pretendem implantar.

A própria palavra “revelar” pode ser entendida como a retirada de um véu, ou seja, algo que já estava lá, mas de forma coberta ou camuflada. Com esse processo de construção social aconteceu exatamente isto: a realidade sobre os objetivos deste processo estava até certo ponto oculta, mas tão ou mais presente que os fatos noticiados cotidianamente.

A Nova Ordem Mundial, ou melhor, a nova civilização que estão construindo sem a anuência e até mesmo sem o conhecimento da imensa maioria das pessoas será uma espécie de *tecnocracia feudal*. Esta é a conclusão que deduzimos do desenrolar dos últimos meses.

Como tecnocracia estou me referindo ao sistema baseado na idéia que alega ser possível

alcançar a excelência por meio de uma obediência cega a paradigmas supostamente científicos,

e usando apenas esse mesmo conjunto de princípios para selecionar pessoas e projetos.

Tecnocrático, portanto, no sentido que uso aqui, significa uma ideologia, ou melhor, um aglomerado de idéias que não precisa, necessariamente, fazer sentido fora desta bolha imaginária. Algo como o dogma da técnica, que descarta todo e qualquer conflito político e precisa ser imposto porque é inquestionável, porque é científico, porque os "especialistas" disseram que deve ser assim.

O "feudal" que uso aqui funciona como uma analogia ao regime predominante durante séculos na Europa e que consistia, *grosso modo*, na concessão dos meios de produção, controlados por uma elite e usufruídos por outra classe social, formada por colonos ou servos que usavam desta "autorização" para retirar o seu sustento e a sua sobrevivência daquela terra que não lhes pertencia.

O conceito que proponho aqui tem ligeiras diferenças com relação à expressão "feudalismo tecnocrático", usado há algum tempo para designar o uso dos meios de produção de forma tecnicista. Essas diferenças, entendo, consistem na inversão da relação entre essência e acidente. Se no feudalismo tecnocrático temos a terra (ou os meios de produção) como essência e a técnica como o acidente que determina a "forma" de administração, na tecnocracia feudal

o cientificismo passa a ser a regra geral da sociedade (essência) e o uso concessionário dos aparatos produtivos

consiste em apenas um dos seus aspectos (acidente).

Também penso que a tecnocracia feudal pode ser explicada como uma mudança nos paradigmas estruturais da sociedade, no sentido de uma delimitação no papel da propriedade privada, aos moldes do pensamento de Klaus Schwab[27] e expressas pelo menos desde 2017 nos materiais do Fórum Econômico Mundial.

Para os iluminados desta elite globalista, a propriedade privada tende a se transformar em algo restrito a uma classe especial, restando a todos os outros mortais o uso de uma concessão como única forma de sobrevivência. É exatamente isso que podemos deduzir dos planos em execução, com destaque para o chamado *Great Reset*.

Embora possam parecer expressões sinônimas, acredito que esta diferença de foco poder ser entendida por meio de um exemplo atualíssimo e, a meu ver, bastante cristalino.

A área de tecnologia, que gradualmente tornou a sociedade dependente das suas estruturas, agora busca impor sua ideologia tecnocrática em todos os aspectos da nossa vida, desde a condução das iniciativas governamentais até a restrição das discussões políticas, passando pelo controle da linguagem, pela censura baseada em critérios obscuros e pela arrogância típica de quem acredita possuir autoridade sobre todas as condutas humanas.

Este rico e restrito setor, que pode ser representado por empresas onipresentes como Google, Meta, Twitter, Amazon, Apple, Uber e poucas outras, construiu ao longo dos anos as plataformas que seduziram bilhões de incautos com suas ofertas de comodismo e praticidade. E ao controlarem estas plataformas como feudos, os *nerds* que ficaram bilionários com a ajuda dos barões do sistema financeiro agora decidem o que pode ou não ser negociado, criando obstáculos a toda iniciativa que confronte seus interesses nem sempre declarados.

A “uberização” da economia, o monopólio da disponibilização dos aplicativos e o império dos *marke places* são apenas a ponta deste imenso *iceberg*.

Nos últimos meses, esse papel das Big Tech ficou ainda mais evidente devido a uma série de iniciativas que colocaram os poderosos do Vale do Silício em evidência.

A “plandemia” e suas conseqüências políticas, econômicas e sociais deixaram bem claras as suas intenções:

além do poder decisório sobre novos empreendimentos, também querem decidir o que pode ser falado e, portanto, pensado.

Embora esteja ainda em formação, a fisionomia dessa sociedade planejada pode ser identificada desde as suas mais evidentes características até os mínimos detalhes que compõem o nosso cotidiano.

O ambiente tecnocrático apresenta-se de forma explícita na juristocracia, por exemplo, que elimina a discussão política e tenta conduzir a sociedade por meio de iniciativas arbitrárias supostamente baseadas em interpretações legais. E como em um regime como esse a autoridade do agente importa mais do que a qualidade ou a fidelidade da interpretação, tais iniciativas tornam-se imediatamente inquestionáveis. Não é preciso citar nenhum episódio, certo? Nas pequenas coisas, nos detalhes do dia-a-dia também é possível perceber como a técnica, ou pelo menos o seu discurso formal — nem sempre verdadeiro —, já nos parece familiar, mesmo sem a nossa anuência. No convívio entre as pessoas, a idéia da infalibilidade tecnocrática está expressa em frases, termos e expressões repetidas inconscientemente por grande parte da população desatenta, que não é capaz de perceber que aquela fala foi plantada em sua mente após décadas sendo martelada diariamente pela

mídia, a parte visível do establishment,

responsável pela formação do imaginário (e do vocabulário) coletivo. Quantas manchetes nos últimos anos, traziam algo como “especialistas dizem” ou “estudos afirmam”? Esse novo mundo, que apesar de velho e anormal vem sendo chamado de “novo normal” em uníssono por toda classe falante, está sendo desenhado há muito tempo e agora alcança o seu ápice devido a uma oportunidade única, composta de ingredientes perfeitos para quem pretende impor uma iniciativa totalitária: medo, doença, incerteza, dependência e morte.

Todos os totalitarismos se dizem científicos.

Todos. Impossível sustentar um regime totalitário sem esse tipo de discurso. Comunismo, nazismo e fascismo tinham em sua defesa alegações inquestionáveis. Mesmo sustentados pela força, oficialmente esses regimes eram validados por uma retórica cientificista. A diferença com o que vivemos hoje não é substancial, mas acidental e quantitativa, pois a amplitude deste regime que estamos adentrando reúne os discursos das três modalidades totalitárias mais conhecidas: social, biológica e moral. Em outras palavras, a tecnocracia se aproveita da essência comunista, nazista e fascista, respectivamente.

O cientificismo, ou melhor, o culto idolátrico da ciência vem sendo construído há décadas, inicialmente pela formação de uma mentalidade burocrática que torna as pessoas dependentes, embaçando a percepção das relações de causa e conseqüência e, por último, mas não menos importante, pelo aparelhamento da linguagem de forma a reduzir as capacidades cognitivas, trazendo a insegurança intelectual e moral necessárias para facilitar a manipulação. O politicamente correto foi criado exatamente com esse objetivo.

A raiz desse problema que enfrentamos e deveremos enfrentar cada vez com mais intensidade está na inversão de valores, em especial na troca do alvo de adoração. Ao contrário do que pensam os desavisados, o esvaziamento da sacralidade não tornou o homem mais livre, como prometiam os materialistas "bem-intencionados", mas apenas substituiu Deus por um punhado de pressupostos que, exatamente por não se sustentarem diante de questionamentos ou do choque com a realidade, terão que se impor com mais força do que qualquer dogma religioso. E para que essa substituição seja completa, tentam dar a esse espantalho que chamam de "ciência, ciência, ci-ên-cia" os mesmos atributos divinos: onipotência, onisciência e onipresença. Mas como isso não é possível, planejadores e agentes precisam blindar esses simulacros e isolar ou punir todo aquele que levantar alguma dúvida ou avisar que a grama é verde.

Quando ouvimos totalitários disfarçados de especialistas sendo aceitos como guias da sociedade, fica evidente que

a idolatria da técnica penetrou as camadas mais profundas da nossa vida.

E quando a principal voz do *Great Reset*, o Fórum Econômico Mundial, repete insistentemente a promessa de felicidade sem propriedade, temos a confirmação de que estamos diante da inauguração de uma espécie de feudalismo moderno, que vai muito além da terra ou dos meios de produção, mas de toda e qualquer forma de empreendedorismo, de iniciativas individuais e, conseqüentemente, da soberania, da liberdade e da própria individualidade.

A tecnocracia feudal já está aí, mesmo que incompleta e imperfeita — como sempre será.

CAPÍTULO

NOVO NORMAL E NOVO HOMEM

Não sei ao certo por que razão existe uma tendência de *glamourizar* o que é novo. Muito além da compreensível admiração diante da novidade, nossa sociedade cultiva o hábito de idolatrar tudo aquilo que possa ser chamado de “novo”. Ao mesmo tempo, e como conseqüência, demonstra ojeriza diante do que é velho. Com a exceção dos vinhos, do whisky, dos queijos e de outras iguarias, o velho não representa mais a segurança, a prudência ou a experiência, as virtudes que permitem a sabedoria. Infelizmente perdemos essa conexão com a tradição. Quebramos a cadeia de transmissão que desde o início da história humana destaca a valorização do que já é conhecido, os riscos da inovação irresponsável e, principalmente, a importância do conhecimento dos anciãos, que costumam advertir sobre o perigo das decisões impulsivas que não levam em consideração a vivência anterior.

Como perdemos essa ligação, viramos alvos fáceis para qualquer tipo de charlatanismo que apresente “novidades”. Desde o picareta que aplica o golpe da tampinha até as seitas esotéricas e as ideologias que oferecem soluções mágicas para problemas milenares. Junte-se a isto o fato de vivermos em uma época de inovações tecnológicas que geram bugigangas a granel e o que se tem é uma sociedade deslumbrada feito uma criança em loja de brinquedos.

Estamos diante de uma vulnerabilidade social muito maior do que aquela denunciada pelos defensores de alguma vertente do igualitarismo ou de alguma ideologia coletivista. Essa fraqueza é mais perversa porque influencia o psicológico dos indivíduos e também porque já alcança uma imensa parcela da população, o que prepara o ambiente ideal para a implantação de iniciativas que pretendem transformar de tal modo a sociedade que, ao final do processo, estaremos imersos em uma nova civilização, uma nova ordem mundial.

A idolatria da novidade, conseqüência inevitável dessa sociedade que valoriza o efêmero e despreza o estável, aliada a uma dependência psicológica adestrada, compõem a mentalidade que vai formar o ambiente propício para as decisões arbitrárias e que vai fornecer o terreno fértil para a implantação de iniciativas totalitárias. Quase todos os avanços na construção do totalitarismo foram beneficiados por esse mecanismo, que se apóia em décadas de doutrinação, de desinformação e de uma gradual e contínua inversão de valores. Em outras palavras,

---

o povo foi adestrado para aceitar qualquer coisa desde que alguma "autoridade" garanta que o troço é "novo".

A gripe chinesa ofereceu todas as oportunidades para avançar a agenda totalitária. Como sempre ocorre diante de grandes crises, a instabilidade, a incerteza e o medo funcionaram como catalizadores para implantar novos artifícios burocráticos, aprofundar outros e, por último mas não menos importante, para sedimentar idéias-chave que vão fortalecer uma mentalidade de aceitação frente às mudanças que devem se suceder durante e depois do vírus.

Algumas idéias que já estavam prontas, esperando um conjunto de circunstâncias favoráveis, vieram à tona quando seus defensores identificaram a praga chinesa como o evento perfeito para uma apresentação sem resistências.

Projetos como a identidade digital internacional, o ID2020, o Renda Básica Universal, a vacinação obrigatória, os impostos globais e o *Great Reset* já existiam, mas foram lançados como novidades perfeitamente adequadas ao momento crítico. Inicialmente como soluções mágicas para combater a gripe, logo depois como instrumentos necessários para prevenir e evitar problemas do mesmo gênero no futuro.

Assim nasceu o conceito de “novo normal”, que não tem nada de novo, muito menos de normal.

De forma sutil, os proponentes dessa “novidade” (e os papagaios que a repetem, sem saber o que fazem) trabalham para obter uma nova sociedade ao final dessa transição, que pega uma idéia pronta e a apresenta como um novo milagre, ou mais especificamente, se apropria de uma idéia que tem a finalidade de avançar uma agenda que pretende desconstruir os valores civilizacionais de maneira a facilitar a sua substituição, e a apresenta como solução para um problema pontual e, depois, como um padrão de comportamento a ser alcançado.

Com a conversão bem-sucedida, em parte devido ao pânico generalizado que inibiu a percepção de boa parte da população, e que foi disseminado exatamente para esse fim, o “novo normal” deixou de ser apenas uma adequação a uma situação de crise, pontual e temporária, e passou a ser modelo “natural”. Já estamos neste estágio.

As máscaras, que além de servirem para um experimento social que avalia o grau de obediência das pessoas, passaram a ocupar também uma posição simbólica nessa “nova normalidade”, que inclui, entre outras aberrações, o toque de recolher, o confinamento e a pele queimada pelo álcool. Isso sem falar do sistema de reconhecimento facial, das câmeras com termômetros e da inescapável biometria.

O pretexto da saúde pública foi usado para justificar inúmeras atitudes totalitárias, seja por parte de burocratas estatais, que feriram diversos direitos naturais dos indivíduos em vários lugares do mundo, seja pelos burocratas incrustados nos organismos internacionais, que atropelaram soberanias nacionais com suas chantagens disfarçadas de recomendações.

O mundo deve sair dessa crise com as liberdades fragilizadas.

A instrumentalização da gripe chinesa e das suas conseqüências econômicas provavelmente vai acarretar novas formas de opressão, além de fortalecer as antigas, como podemos ver com o cerco à liberdade de expressão disfarçado de combate às "*fake news*" e ao "discurso de ódio" — termos que em breve vão tipificar crimes, mesmo sem uma definição objetiva por parte dos legisladores.

Mesmo que não ocorram novas "ondas", sempre propagadas pela mesma mídia geradora do pânico, certamente existirá enorme pressão para a assimilação desses novos comportamentos. Embora eu acredite que o que a maioria da população quer mesmo é a sua normalidade de volta, e essa reação instintiva já possa ser vista nas ruas, álcool, máscara e algum grau de distanciamento devem continuar, e até mesmo os cumprimentos cotidianos podem sofrer mudanças em alguns grupos, principalmente no "Circuito Leblon/Vila Madalena" e nos arredores de quem ainda tem a grande mídia como fonte de informação confiável.

Todas nossas atitudes, nossos hábitos e valores estão sendo atacados, desmoralizados e subvertidos para que dessas mudanças surja um novo homem, adequado às demandas de uma nova civilização. Desde conselhos para homens usarem saias e urinarem sentados, protocolos para encontros com alienígenas e aborto como serviço essencial, tudo que for de alguma forma contrário ao padrão estabelecido deve ser assimilado. O "novo normal" é um catálogo de inversão de valores.

O conjunto de novidades que estão oferecendo para o "pós-pandemia", no entanto, vai muito além dos nossos comportamentos e das nossas atitudes, o que em teoria podemos controlar. Os graves desafios que teremos que enfrentar residem nas iniciativas que dificilmente conseguiremos parar: nas regulamentações internacionais, na invasão de privacidade pelo Big Data, na escalada do poder estatal e na concentração dos mercados rentáveis nas mãos das grandes corporações etc.

Como combater esse Leviatã? Não sei. Mas como essa guerra é essencialmente espiritual, afinal o cristianismo é o alvo e única forma de resistência, o resultado da batalha vale menos do que o comportamento na trincheira.

Esse “novo normal” que a mídia, como parte visível do *establishment*, tanto louva e promove, nada mais é que

a implantação de uma agenda que visa estabelecer as bases para o surgimento de uma nova civilização, com novos princípios e com um novo ordenamento: uma Nova Ordem Mundial.

NOVO HOMEM

Quando entendemos a revolução como um ente unificado, fica um pouco mais evidente que a verdadeira transformação desejada diz respeito ao indivíduo.

Com o fracasso das experiências totalitárias do século XX ficou patente a impossibilidade de implantação de um novo ordenamento social sem mudanças profundas nas pessoas.

Seguindo o desenvolvimento histórico do processo revolucionário, cada ponto nessa cronologia apresenta um traço que foi inserido no imaginário da sociedade. Seja na esfera individual ou coletiva, elementos transformadores foram paulatinamente implantados seguindo um roteiro pré-determinado.

Embora os passos possam se alterar ao longo do tempo, com recuos e desvios, o destino último desse caminho sempre se manteve fiel ao principal ideal revolucionário: um mundo exatamente inverso àquele proposto pelo cristianismo.

O mundo materialista, imanente, sem culpa e sem redenção em que vivemos atualmente é reflexo dessas implantações lentas, graduais e sucessivas que foram promovidas ao longo dos últimos séculos.

Nesse sentido, podemos sintetizar que a Nova Ordem Mundial, com todos os seus aspectos — inclusive o globalismo —, significa nada mais nada menos do que

---

a preparação para o reinado do Anticristo.

NIMO SOBRE GLOBALISMO.indd 129 07/02/2023 12:18:1

Livros do autor

Introdução à Nova Ordem Mundial. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

Bem-vindo ao hospício. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

O Brasil e a Nova Ordem Mundial. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018.

As várias faces da Nova Ordem Mundial (org.). Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

Um copo de red pill. Campinas, SP: Vide Editorial, 2022.

O mínimo sobre ocultismo. Campinas, SP: ominimo, 2022.

Site pessoal

https://escritoralexandrecosta.com.br ***Canal no YouTube***

Curso "Nova Ordem Mundial, globalismo e geopolítica"

https:/ / h o t m a r t . c o m / p t - b r / m a r k e t p l a c e / p r o d u t o s / nova-ordem-mundial-globalismo-e-geopolitica ***Comunidade "Ordem natural"***

https:// hotmart.com/pt-br/marketplace/ produtos/ordem-natural.

Notas de Rodapé

1 Publicado originalmente em O Brasil e a Nova Ordem Mundial. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018A .

2 Revolução e contra-revolução.

3 Basta verificar os rankings do pôquer para perceber que não se trata simplesmente de um jogo de sorte, muito embora algumas vezes um amador possa vencer um campeão, coisa que nunca acontece no xadrez.

4 Autoridade máxima do Supremo Conselho da Maçonaria e principal teórico do Rito Escocês.

5 Também foi líder da Carbonária italiana e Grão Mestre da Maçonaria em Gênova e Marselha.

6 O contexto religioso não abarca necessariamente todos os envolvidos, mas funciona como uma espécie de Zeitgeist, um “espírito do tempo”.

7 Hoje o museu nega a existência do documento.

8 Um proeminente funcionário de Soros é Armínio Fraga, que foi Presidente do Banco Central no Governo FHC. Ele também passou pelo JP Morgan, pelo braço chinês do Morgan Stanley , foi membro do Grupo dos Trinta e convidado do CFR e do Diálogo Interamericano.

9 Chase Manhattan, hoje JPMorgan Chase Bank é o mais famoso banco da família, mas não é o único. Ainda existem The Rockefeller Brothers Fund, The Rockefeller Family Fund e The Rockefeller Group, cada um deles movimenta bilhões de dólares anualmente. E nesta conta não estão incluídas sua participação em outras instituições, como o Fundo Carlyle.

10 Além do banco que leva seu nome, John Pierpon Morgan foi sócio de George Peabody, da Casa Rothschild, de Andrew Carnegie. Principal financiador de Thomas Edison, em 1892 passou a controlar a General Eletric. Sua família está ligada aos Rockefeller por negócios e diversos casamentos.

11 São citadas 75 universidades, inclusive a USP e a UNICAMP.

12 Em 1964, o Banco Moreira Salles (futuro Unibanco e Itaú) criou o Banco de Investimento do Brasil, em parceria com a International Basic Economy Corporation, de Rodman Rockefeller. Também participaram do negócio a canadense Ligh and Power Co. e Azevedo Antunes, gigante da mineração (Caemi) e sócio da siderúrgica Bethlehem Steel, outro tentáculo dos Rockefeller, predecessora da ArcelorMittal, desde 2003 a maior produtora de aço do mundo.

13 No livro Introdução à Nova Ordem Mundial foi incluído um ótimo artigo a respeito, escrito por Alex Pereira e Cristian Derosa.

14 Nunca devemos esquecer: quem controla o FED, controla a emissão do dólar e, portanto, boa parte da economia mundial. E quem alcança esta posição não precisa mais se preocupar tanto com a questão monetária.

15 Assim como os antigos faraós e outros imperadores da Antigüidade, pretendem alcançar o status de um semideus.

16 John Theophilus Desaguliers, anglicano, membro da Royal Society e assistente e divulgador de Isaac Newton; e James Anderson, presbiteriano, autor da Constituição dos Maçons Livres.

17 Numa Denis Fustel de Coulanges, autor do clássico A cidade antiga (1864).

18 A mudança no sistema econômico acarreta uma mudança na configuração da propriedade, o que implica transformação na ordem legal.

19 Líder dos cartagineses na Segunda Guerra Púnica (218 a.C.).

20 O Sveriges Riksbank, da Suécia, foi criado em 1668.

21 Woodrow Wilson, 28 Presidente dos eua (1913–1921), teve papel fundamental na criação do Federal Reserve e da Liga das Nações, mesmo com o Congresso Americano vetando a entrada do país na instituição. O Wilson Center, em Washington, abriga o Brazil Institute, uma divisão dedicada aos estudos sobre país.

22 Um dos expoentes da Trilateral é o onipresente Henry Kissinger, autor, entre vários outros trabalhos, de A ordem natural, uma defesa explícita da governança global.

23 No livro O eixo do mal latino-americano e a Nova Ordem Mundial, de 2008.

24 Existem muitas informações a respeito de grandes corporações americanas e européias colaborando com o nazismo durante a Segunda Guerra e ajudando a urss em plena Guerra Fria. O mesmo aconteceu com a China: sem os metacapitalistas a China não teria metade da sua importância.

25 Tribunal Internacional de Justiça (1945) não deve ser confundido com a Corte Penal Internacional (2002), que tem competência para julgar indivíduos e não Estados. E o Pacto de San José da Costa Rica, 1969, tem ligação direta com os ideais de desarmamento, desencarceramento e garantismo penal.

26 ong criada e dirigida por George Soros. Entre suas inúmeras iniciativas e patrocínios se destaca o Project Syndicate, uma organização de mídia que fornece matéria prima para milhares de jornalistas distribuídos em cerca de quinhentos órgãos de imprensa espalhados em 155 países.

27 Klaus Schwab, A Quarta Revolução Industrial. São Paulo, SP: Edipro, 2018; trad. Daniel Moreira Miranda.

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library